

## Medo da Eternidade<sup>1</sup>

Viviane Ferreira de LIMA<sup>2</sup>

Érika de Mello AFFONSO<sup>3</sup>

Thuane de Almeida XAVIER<sup>4</sup>

Miriam Moema Filgueira PINHEIRO<sup>5</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### RESUMO

*Medo da Eternidade* é também o título da crônica de Clarice Lispector que foi utilizada como base para a criação desse vídeo ficcional. Produzido com duas câmeras - *hand cam* e semi-profissional -, o curta trabalha enquadramentos e sonorização que possibilitam o público a mergulhar no mundo da imaginação. São sete minutos de combinação entre a técnica e a crônica. Um produto audiovisual que mistura entretenimento e conteúdo, tratando de forma peculiar o tema eternidade. Criado para estimular a curiosidade pela leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Curta-metragem; Ficção; Literatura; Crônica.

### 1 INTRODUÇÃO

Tendo como base a crônica “Medo da Eternidade” da escritora Clarice Lispector, publicada no livro “As Cem Melhores Crônicas Brasileiras”, criamos uma narrativa com o intuito de aguçar o imaginário do leitor que já conhece a crônica e instigar a leitura de quem ainda não leu.

Sendo a crônica um texto híbrido, geralmente com temas do cotidiano, um dos mistérios de torná-la atraente é a maneira como se conta. Cada cronista pode fazer um texto falando do mesmo tema, de forma individual e original. O autor pode apenas comentar sobre o tema, descrever ou até mesmo analisar, mas o que vai diferenciar é seu olhar sobre o assunto, pois cada um observa o tema do seu modo.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de ficção (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Radialismo-UFRN, email: viviane\_phileo@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso Radialismo-UFRN, email: erika\_karioka@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso Radialismo-UFRN, email: thuane\_xavier@hotmail.com.

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora Dra do Curso de Comunicação Social- UFRN, email: moemapinheiro@uol.com.br.

Clarice Lispector, por exemplo, fala sobre eternidade contando uma linda estória de sua infância. *Medo da Eternidade* trata sobre esse tema tão complexo de forma singela, nos fazendo resgatar lembranças de nossa infância em nossa memória.

Nossa ideia foi recriar o olhar de Clarice Lispector sobre a eternidade, através de cenas que nos remetessem ao passado, e que nos fizessem imaginar os sentimentos daquele momento.

O vídeo ficcional é resultado da proposta de um trabalho desenvolvido na disciplina de Produção em TV, ministrada pelo Prof. Dra. Miriam Moema, que nos orientou na produção do curta. O projeto foi estruturado com base na experimentação teórica e prática, por meio de uma linguagem que facilitasse a compreensão do público-alvo, criando o ambiente necessário para despertar o imaginário do espectador.

## 2 OBJETIVO

A adaptação da crônica (*Medo da Eternidade* – Clarice Lispector) em vídeo ficcional foi desenvolvida para a disciplina de Produção em TV, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com intuito de obtenção da nota da 3ª unidade de 2012.2.

Sob a orientação da professora Miriam Moema, a produção foi uma forma de aplicar as discussões feitas em sala de aula, utilizando recursos midiáticos para produções de qualidade.

A ideia do curta-metragem partiu do intuito de transmitir de forma peculiar o sentimento de eternidade, fazendo com que os não leitores pudessem entrar nesse mundo de sonhos da imaginação. Pois segundo, Juremir Machado da Silva (2003,p.12 apud FLORY, 2005,p,19.): “O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina,2003, p. 12. In: FLORY, Sueli Fadul Villibor (org.) *Narrativas Ficcionalis: da Literatura às Mídias Audiovisuais*. Arte e Cência : São Paulo, 2005.p,19.

### 3 JUSTIFICATIVA

Todos nós, comunicadores formados ou não, somos capazes de produzir conteúdo midiático. A partir do acelerado desenvolvimento tecnológico, a população se insere através das novas mídias como agentes de informação. São inúmeros os vídeos produzidos pela sociedade, que são utilizados como fonte de informação ou entretenimento. Segundo Paula Sibilia (2008: 14), em seu livro “Show do Eu”, essa mudança é um verdadeiro caldeirão de novidades, que ganhou o nome de “revolução da Web 2.0” e que acabou nos convertendo em personalidades do momento.

Por isso, ao se deparar com a proposta de produção, pensamos em algo que tivesse conteúdo e criatividade. A escolha de adaptar uma crônica foi para possibilitar ao público o contato com um bom conteúdo, aguçando a vontade pela leitura. Sentimos a necessidade de sair do comum, sair das produções convencionais e avançar no mundo da literatura, que além de ser um mundo imaginário, não deixa de ser um mundo real e possível.

### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após a leitura minuciosa da crônica, procuramos uma forma de adaptá-la para o vídeo e assim chegamos ao roteiro final. Um dos pontos adaptados da crônica foi o local onde ocorreu sua primeira experiência com o chiclete. No texto original, passava-se na rua, no caminho para o colégio, entretanto, optamos pelo Parque das Dunas, que é um local mais poético, um cenário apropriado para o formato escolhido.

Optamos por produzir o vídeo intercalando narração e diálogos. A narração realizada pela personagem que atua como irmã mais nova, expõe suas lembranças da infância. Para interpretá-la, utilizamos uma das integrantes do grupo.

Para a captação das imagens, foi utilizada uma *hand cam* e uma câmera semi-profissional. O áudio foi captado por um microfone e, como segunda opção de captação de áudio, caso o microfone não fosse suficiente, utilizamos um gravador, que no final foi melhor do que o som do microfone.

A edição foi feita com o *Adobe Premiere CS5*. Nas imagens sem diálogo e narração, colocamos o som ambiente, como pássaros, crianças brincando e balanço. Utilizamos a

música “Magic Dream”, retirada do site [www.freesfx.co.uk](http://www.freesfx.co.uk) apenas nos momentos iniciais e finais do vídeo.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto audiovisual final é um curta-metragem com duração total de 7 minutos e 24 segundos, contando com título e créditos, baseado na crônica “Medo da Eternidade” de Clarice Lispector. É uma produção acadêmica do segundo semestre de 2012, para a disciplina de Produção em TV.

O curta retrata uma mulher adulta recordando de um momento vivido com a irmã mais velha, quando pela primeira vez ela masca um chiclete e sente medo da eternidade. Destaca todas as reflexões que se passaram acerca do termo “eternidade”, já que para ela, o chiclete era uma bala que não acaba nunca.

A obra audiovisual é uma adaptação da crônica, numa tentativa de produzir um texto audiovisual do gênero ficcional, mas sem interferir na mensagem que o texto original procura passar.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A produção do curta *Medo da Eternidade* nos proporcionou conhecimento técnico e estético, assim como a estruturação de uma obra de ficção, mesmo com as limitações técnicas, que foram superadas pela determinação.

Pelo fato de ser a primeira vez que trabalhamos com adaptação de um texto literário, a primeira vez que gravamos com “atores” e a primeira vez que gravamos cenas externas, enfrentamos várias dificuldades, mas que contribuíram para o nosso crescimento profissional.

Percebemos a importância de fazer um roteiro adequado à cada condição técnica, pois em produção de vídeo não se pode sonhar com o impossível. Nessa área é necessário trabalhar dentro do campo das possibilidades, pois mesmo trabalhando assim, às vezes algumas ideias se tornam impraticáveis.

Entendemos o quanto é essencial fazer um roteiro detalhado de cada tomada para poupar tempo, e o quanto é necessário distribuir as gravações em dias alternados para não ficar cansativo.

Também observamos a necessidade de mais pessoas na equipe, pois estávamos em três e tivemos que nos desdobrar, deixando algumas coisas passarem despercebidas. As imagens e áudios, por exemplo, tiveram alguns problemas por não ajustarmos alguns padrões das câmeras antes de começar.

Tentamos, ao máximo, chegar num produto final de qualidade, em que as pessoas pudessem viajar no tempo recordando suas lembranças e sentimentos. E que essas sensações gerassem uma vontade de ler as obras de Clarice.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**SANTOS**, Joaquim Ferreira dos. F. **As Cem Melhores Crônicas Brasileiras**. Ano: 2007, páginas 223 e 224.

**SIBILIA**, Paula. **Show do Eu: A Intimidade Como Espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

**SILVA**, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 12. In: **FLORY**, Sueli Fadul Villibor (org.) **Narrativas Ficcionalis: da Literatura às Mídias Audiovisuais. Arte e Cência** : São Paulo, 2005.p,19.

**SOUZA**, José Carlos Arochi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

**ZETTL**, Herbert. **Manual de Produção de Televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

## ANEXO

### Medo da Eternidade - Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca acaba. Dura a vida inteira.

- Como não acaba? - Parei um instante na rua, perplexa.

- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta. Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?

- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a

vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da idéia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! - Disse eu em fingidos espanto e tristeza. - Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.